

Vejamos a seguir algumas questões orientadoras da auto-avaliação e da avaliação do professor, utilizadas em nossa experiência:

Exemplifique? ◆ Tu aprendeste, durante o período X, novas formas de movimentar-se ou jogar?

◆ Tu criaste novos jogos ou somente tem praticado aqueles que os colegas criaram?

◆ Tu registraste os jogos criados? Descrevas à turma um jogo que criastes?

◆ Interessou-se pela construção dos jogos? Qual o jogo que mais gostaste?

◆ Respeitastes os colegas e o professor durante a participação em aula?

◆ Colaboraste com os colegas na construção e prática dos jogos?

◆ Foste responsável na realização das tarefas propostas em aula?

◆ Procurastes freqüentar as aulas e atividades complementares da escola?

◆ O professor te orientou sempre que solicitaste ajuda?

◆ O professor demonstrou domínio do conteúdo?

◆ Dê sugestões para melhoria do andamento das aulas.

No terceiro ciclo, além de envolver o aluno em atividades de ensino-aprendizagem e de pesquisa, procuramos realizar momentos específicos de avaliação, como forma de motivação e de diagnóstico do conteúdo assimilado pelo aluno. Também, Para isso, optamos pelos seguintes procedimentos:

Uma Ficha de observação (Quadro 2)

Quadro 2 - Ficha de observação utilizada nas aulas de Educação Física na 7ª série, turma 72, e 8ª série turmas 81 e 82 da Escola Municipal de Ensino Fundamental João da Maia Braga, em 2000.

ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL JOÃO DA MAIA BRAGA						
EDUCAÇÃO FÍSICA						
Prof. Ivan Livindo de Senna Corrêa						
TURMA 72						
N.º	Data e Conteúdo Trabalhado					
	Nome					
01						
02						
03						
04						
05						
06						
07						
08						
S = Atingiu os objetivos da aula N= Não atingiu os objetivos da aula + ou - = Atingiu em parte os objetivos da aula						

Quadro 3 - Ficha orientadora da auto-avaliação e avaliação do professor utilizada nas aulas de Educação Física da 7ª série, turma 72, e 8ª série turmas 81 e 82 da Escola Municipal de Ensino Fundamental João da Maia Braga em 2000.

<p style="text-align: center;">ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL JOÃO DA MAIA BRAGA EDUCAÇÃO FÍSICA Prof. Ivan Livindo de Senna Corrêa</p> <p>Nome: ----- Turma: -----</p> <p style="text-align: center;">Roteiro para a Auto-avaliação</p> <ol style="list-style-type: none">1. Respeita os colegas? (0 a 20) -----2. Respeita os professores? (0 a 20) -----3. Entrega os trabalhos no prazo marcado? (0 a 20) ----4. Interessa-se pelo conteúdo proposto? (0 a 10) -----5. Participa ativamente das aulas? (0 a 20) -----6. Colabora com os colegas durante a aula? (0 a 20) -----7. Respeita as decisões democráticas? (0 a 20) -----8. Faz os temas em casa? (0 a 10) -----9. Expressa sua opinião sincera sobre o andamento dos trabalhos em aula? (0 a 20) --- -----10. Demonstra criatividade nas aulas? (0 a 20) -----11. Sabe criticar argumentativamente? (0 a 20) ----- <p>Total de pontos: -----</p> <p style="text-align: center;">Avaliação do professor</p> <p>Faça um pequeno comentário sobre o professor: Forma de apresentar o conteúdo; domínio do conteúdo; pontualidade; e relacionamento com os alunos.</p> <p>-----</p> <p>-----</p> <p>-----</p>
--

Uma auto-avaliação com questões orientadoras semelhantes a do segundo ciclo, (Quadro 3).

Um trabalho escrito, que tem como temática o registro dos conteúdos desenvolvidos em aula, complementando-o com pesquisa bibliográfica em jornais, livros e revistas;

Uma prova oral-demonstrativa, onde o aluno é questionado e tem que responder ou demonstrar os questionamentos (os resultados são registrados na ficha de observação do professor).

Referente a avaliação salientamos que não basta a mudança dos procedimentos utilizados pelo professor, pois precisamos construir alternativas curriculares que rompam com a avaliação vinculada a promoção e classificação escolar, fruto ainda da Lei n.º 5692/71. No entanto, as experiências isoladas, como as relatadas no presente trabalho, servem apenas como estímulo ao debate sobre a avaliação. Por fim, pode-se dizer que mesmo adotando procedimentos metodológicos que possibilitam a participação do aluno na sua avaliação, não conseguimos romper com o processo de seleção regimentado no sistema escolar, apenas provocamos o debate a respeito.

Conclusão

Com este trabalho procuramos relatar nossa experiência pedagógica e de investigação-ação, fazendo um resgate histórico do processo de construção de nossa práxis. Objetivamos, com isso,

Revista Kinesis, Santa Maria, N° 26, p. 154-166, Maio de 2002.

contribuir para a construção de uma pedagogia crítica da Educação Física Escolar. A contribuição, deu-se em apresentar uma proposta pedagógica vivenciada, analisada e construída ao longo de 11 (onze) anos em escolas do ensino fundamental do meio rural de Restinga Sêca-RS e de Santa Maria-RS e da periferia de Santa Maria-RS.

Apesar de apontarmos alternativas para a prática da Educação Física Escolar, nos deparamos, ainda, com a dificuldade de construirmos ações pedagógicas unificadas que abrangem um número maior de escolas. Em pesquisas realizadas com professores da rede pública de Santa Maria-RS^{10 11}, observamos que os professores de Educação Física almejam construir uma programação curricular unificada, no entanto não se mobilizam para tal, pois esperam iniciativas do poder público mantenedor das escolas. Como a Lei Federal nº 9394/96 (LDB) atribui às escolas a responsabilidade de construir seus planos políticos e pedagógicos, corremos o risco da Educação Física Escolar, continuar sendo definida unicamente pelos interesses e conhecimentos dos professores e alunos.

Assim, mesmo não existindo ações pedagógicas unificadas, nosso trabalho poderá servir de estímulo a outras publicações que visam a práxis pedagógica crítica. Com isso pode-se iniciar uma conexão de comunicação que fomente o debate referente a investigação-ação na Educação Física Escolar. Pois, pensamos que ainda existe a necessidade de encontrarmos alternativas para os seguintes problemas: Como construir ações pedagógicas unificadas para um sistema municipal de ensino? Como construir espaços e tempos de formação permanente, voltada para a compreensão e construção curricular? E, como construir uma práxis pedagógica que oportunize a autonomia, a criatividade e a criticidade de alunos e professores?

A resolução desses problemas, no nosso entender, não depende de práxis isoladas, mas pensamos que ações, como a nossa, podem servir de referência para outras práxis na Educação Física Escolar. Pois, apontamos para a possibilidade de resgatar a cidadania através da socialização dos conhecimentos da cultura corporal de movimento e da vivência de valores como a criatividade, criticidade, solidariedade e autonomia.

Referências Bibliográficas

- ¹ CASTELLANI FILHO, Lino. **Política Educacional e Educação Física**. Campinas, SP: Autores Associados, 1998.
- ² ELLIOTT, John. **What is action-research in school?** Journal of Curriculum studies. Vol. 10, nº 4: 335-7, 1978.
- ³ APLLE, Michael W. **Conhecimento oficial: a educação democrática numa era conservadora**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- ⁴ SILVA, Tomaz Tadeu. **Identidades terminais: as transformações na política da pedagogia e na pedagogia da política**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.
- ⁵ SILVA, Tomaz Tadeu. **O que produz e o que reproduz em educação: ensaio de Sociologia da Educação**. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1992.
- ⁶ SAVIANI, Dermeval. **A nova lei da educação: LDB, trajetória, limites e perspectivas**. 5. ed. por uma outra política educacional. Campinas, SP: Autores Associados, 1999.
- ⁷ SILVA, Tomaz Tadeu. **Identidades terminais: as transformações na política da pedagogia e na pedagogia da política**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.
- ⁸ BRANDÃO, Carlos R. Educação Popular como projeto emancipatório. In: **Fórum Mundial de Educação: Debates Especiais**. Porto Alegre: Salão de Atos da UFRGS: 26 de outubro de 2001.
- ⁹ FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 18 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

- ¹⁰ CORRÊA, Ivan L.C. **Um estudo sobre os procedimentos metodológicos nas aulas de Educação Física e os valores que permeiam esta ação**. Santa Maria: UFSM, 1997. (Monografia em Ciência do Movimento Humano, da Universidade Federal de Santa Maria, RS.).
- ¹¹ CORRÊA, Ivan L.C. **Educação Física e Currículo: o planejamento curricular nas escolas públicas municipais do bairro Camobi, Santa Maria : UFSM, 2000.** (Dissertação de Mestrado em Ciência do Movimento Humano, da Universidade Federal de Santa Maria, RS.).
- ¹² MORO, Roque Luiz. **A reprodução de modelos em Educação Física: pedagogia da mendicância**. Rio de Janeiro: UGF, 1990. Dissertação (Mestrado em Educação Física), 1990.
- ¹³ BRACHT, Valter. **Educação física e aprendizagem social**. Porto Alegre, RS: Magister, 1992. p.22
- ¹⁴ SABEDOTTI, Paulo & MORO, Roque Luiz. **Análise pedagógica da disciplina prática do ensino-estágio supervisionado- UFSM: indicadores que afastam ou aproximam da Educação Física progressista**. Santa Maria: UFSM, 1990. (Monografia de conclusão do Curso de Licenciatura Plena em Educação Física, da Universidade Federal de Santa Maria, RS.). p. 6.
- ¹⁵ CORRÊA, I.L. S. et al. Resgate histórico das comunidades que abrangem a Escola Municipal Major Tancredo Penna de Moraes. In: **XIII Jornada acadêmica Integrada da UFSM. 1999. Anais ...** Santa Maria: UFSM, p. 919.
- ¹⁶ BRACHT, Valter. Educação Física escolar no Brasil: seu desenvolvimento, problemas e propostas. In: **Seminário Brasileiro em "Pedagogia do Esporte": funções, tendências e propostas para a Educação Física Escolar. 1998** Santa Maria: **Anais... (Texto em Anexo)** Santa Maria: UFSM, 1998. p. 1- 6.
- ¹⁷ HILDEBRANDT, R. & LAGING, R. **Concepções abertas no ensino de educação física**. Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico, 1986.
- ¹⁸ HILDEBRANDT, R. A prática Pedagógica da Educação Física na Escola. In: **Curso de Aperfeiçoamento para Professores de Educação Física**. Promoção Grupo de Apoio de Educação Física da 8ª Delegacia de Educação da SEC/RS e Laboratório de Pedagogia do Movimento CEFD/UFSM, Santa Maria-RS, 1997.
- ¹⁹ TAFFAREL, Celi N. Z. **Criatividade nas Aulas de Educação Física**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1985.
- ²⁰ GRUPO DE TRABALHO PEDAGÓGICO UFPe-UFSM. **Visão didática da educação física: análises críticas e exemplos práticos de aulas**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico: 1991.
- ²¹ COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia de ensino de educação física**. São Paulo: Cortez, 1992.
- ²² KUNZ, Elenor. **Transformação didático pedagógico do esporte**. Ijuí, RS: Unijuí, 1994.
- ²³ SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política**. 20 ed. São Paulo: Cortez, 1988.
- ²⁴ FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educacional**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- ²⁵ BAECKER, Ingrid M. Vivência do movimento e educação física. In: **Anais (II Etapa) do I Seminário Municipal de Lazer, Esporte e Educação Física Escolar**. Santa Maria: SMEd/8ªCRE, 2001.
- ²⁶ FALÇÃO, José L. C. Unidade didática 2 - Capoeira. In: **Didática da Educação Física**.Org. Elenor Kunz. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 1998.

²⁷ VIGOTSKI, Levi S. **A formação social da mente: O desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.** São Paulo: Martins Fontes, 1996. p. 130.

²⁸ HILDEBRANDT, Reiner. Configuração Pedagógica do Movimento Esportivo no Ensino da Educação Física Escolar. In: **Revista da Educação Física/UEM** V 1 n° 1, 1990. p. 37.

About Physical Education at schools: basement and history of a praxis

Abstract

The aim of the present study was to give an account of a pedagogical construction of a praxis process in Physical Education at schools, coherent with the structural and social reality of the public school in RS. It was used a methodological procedure of investigation-action, characterized for its intervention on the studied context and for the "actors" of the teaching/learning being the agent of the problem solutions. The studied was done at public school of Restinga Sêca and Santa Maria cities in RS; from 1990-2001. It resulted on a critical pedagogical propose for Physical Education at schools, pointing out the following pedagogical alternatives: the social role of Physical Education at schools; the contents of Physical Education; organization and distribution of the contents during the class time; methodological approach due to the contents; and the evaluation of teaching/learning contents in class time at schools.

Keywords: pedagogical praxis, Physical Education at school, critical pedagogical.

Sobre la Educación Física Escolar: fundamentación y historia de una praxis

Resumen

El presente estudio tuvo como finalidad relatar el proceso de la construcción de una praxis pedagógica en la Educación Física Escolar, coherente con la realidad estructural y social de las escuelas públicas del estado del Rio Grande do Sul. Para eso, utilizamos los procedimientos metodológicos de la investigación-acción, que se caracteriza por la intervención en el contexto investigado y por los actores de la enseñanza y del aprendizaje ser los propios agentes solucionadores de los problemas. La investigación-acción ocurrió en las escuelas públicas municipales de Restinga Sêca-RS y Santa Maria-RS, en el período de 1990 a 2001 y resultó en una propuesta pedagógica crítica para la Educación Física Escolar. La cual, apuntó alternativas para las siguientes temáticas pedagógicas: el papel social de la Educación Física Escolar; los contenidos de la Educación Física Escolar; la organización y/o distribución de los contenidos en el tiempo escolar; los procedimientos metodológicos para el trato de los contenidos; y, la evaluación de la enseñanza y del aprendizaje, de los contenidos, en el tiempo y en el espacio escolar.

Palabras-claves: práctica pedagógica; educación física escolar; pedagogía crítica

Reflexões sobre educação física escolar

PAIM, Maria Cristina Chimelo¹.

Resumo

Este trabalho tem como objetivo uma reflexão sobre a ação pedagógica na Educação Física Escolar, alertando os profissionais para a busca de alternativas educacionais que permitam contribuir para o desenvolvimento integral de seus alunos.

Palavras Chaves: Educação Física Escolar, desenvolvimento integral

Introdução

O conhecimento é um instrumento que possibilita os indivíduos a tornarem-se sujeitos no processo histórico da sociedade em que vivem. A escola é uma instituição responsável em contribuir com os alunos, na apropriação desse conhecimento e na construção de novos saberes. A Educação Física, situada nessa escola, tem como função resgatar e contribuir com conhecimentos, subsidiando a cultura corporal na perspectiva de somar para a formação educacional²⁰. No entanto, verifica-se que os conhecimentos tratados na prática pedagógica da Educação Física vêm dando contribuições para a reprodução da ordem social vigente, colaborando com uma escola que inviabiliza o acesso a novos conhecimentos e as habilidades necessárias para as lutas por espaços na sociedade.

Ao longo da história o conhecimento tratado na prática pedagógica da Educação Física, vem corroborando para a permanência de valores de uma determinada classe social, contribuindo com a reprodução e manutenção da exploração evidenciada em diversos segmentos da sociedade. Sendo assim, o ensino da Educação Física no Brasil fundamentou-se na experiência das escolas militares, que obviamente tinham objetivos voltados para as necessidades próprias das suas organizações. Durante esse período da influência militar e industrialização brasileira, a Educação Física passou a ser mais solicitada, acarretando sua obrigatoriedade nas escolas de Ensino Fundamental e Médio¹⁶. A preponderância da performance e a necessidade de se formar homens e mulheres sadios dispostos ao trabalho foi por muito tempo, o principal foco no desenvolvimento das práticas pedagógicas dentro da Educação Física brasileira. Esse pensamento médico higienista levou os militares a assumirem a prática pedagógica da Educação Física, como instrutores, por serem eles os especialistas em corpo saudável, obediente e higiênico.

Após a segunda Guerra mundial a Educação Física recebeu influências estrangeiras, aparece o

¹ Professora Ms. Substituta do Curso de Educação Física: Licenciatura Plena do CEFD/UFSM. Bolsista do CNPq.
Endereço: Prof. Teixeira n.1430/304. Santa Maria.RS. CEP 97015-550

método natural Austríaco e o método da Educação Física desportiva generalizada. Segundo⁸, neste último o esporte se sobressai e nas aulas de Educação Física passam a ser valorizados os códigos da instituição esportiva: competição, recordes, regras rígidas, etc¹¹. O esporte é visto socialmente como meio de ascensão social. Nas décadas de 50 e 60 ocorre um crescimento desordenado do número de escolas, mas sem a necessária qualificação, é a tendência pedagogicista.

Alguns autores identificam o surgimento de movimentos renovadores na Educação Física a partir das décadas de 70 e 80: a psicocinética de Le Boulch, que valoriza questões de esquema corporal, aptidões motoras, etc; o Esporte para Todos (EPT), uma alternativa para o esporte de alto-nível⁹. A partir daí surgem novas perspectivas na intenção de redimensionar o ensino da Educação física na escola, lançando a Educação Física crítico-social dos conteúdos¹¹, onde o professor deve assumir seu papel intelectual; com um projeto que buscou uma verdadeira revolução¹⁴.

Atualmente, muito se discute sobre a crise da Educação Física. O jogo, a dança, a ginástica, o esporte, fazem parte do conteúdo da Educação Física e conseqüentemente dos programas escolares, entretanto a grande quantidade de questionamentos surgidos ao longo dos últimos anos, acerca da área, permite¹⁶ questionar: será que podemos caracterizar estas manifestações humanas como Educação Física? Afinal o que é Educação Física? Apesar da Educação Física ainda tentar definir sua personalidade, podemos encontrar presente em todas as manifestações citadas acima, o movimento humano, como aspecto crucial para o desenvolvimento evolutivo do ser humano⁷.

Considero assim que, na diferenciação entre as escolas, propostas e programas reside o problema da identidade da Educação Física. Identidade essa que, como a de qualquer outro campo disciplinar e ou profissional, resulta da ação para estabelecer acordos que mediatizam por meio de associações e organizações, de sentimentos de pertencimento a uma comunidade, de publicações, de encontros e reuniões científicas e mesmo de legislações ou regulamentações públicas ou privadas¹³. Afinal complementa o autor, as identidades resultam dos discursos e das práticas dos homens.

Face às considerações acima, tem-se como objetivo de estudo uma breve reflexão da prática pedagógica, para a partir dessa, contribuímos para o resgate da identidade na Educação Física no Ensino Fundamental.

É conceito universal que toda e qualquer profissão, ocupação, atividade acadêmica e ou científica precisa ser submetida à prática invariável de uma metodologia, um paradigma, um sistema ou exigência regulamentares com a intenção de executar adequadamente suas tarefas. É inquestionável a viabilidade da Educação Física como meio de educação. É grande o número de profissionais desta área que têm enviado esforços no intuito de definir uma proposta realmente educacional, considerada numa perspectiva humanista concreta, para a Educação Física. Parece, no entanto, que, ou esses esforços têm sido feitos numa esfera muito distante da realidade, em nível teórico-burocrático, ou as tentativas de disseminação de uma prática de Educação Física humanista têm sido tão tímidas que não conseguem penetrar e encontrar seu espaço no ambiente educacional. Ou, ainda, que não se tem atacado a causa, mas os sintomas do mal, no caso específico da Educação Física. No Brasil, a Educação Física a nível escolar “retrata um perfil comportamentalista”¹⁶, onde a utilização de técnicas diretivas, afastam-na dos ideais humanistas. E que há uma excessiva preocupação com a perfeição técnica na execução dos gestos esportivos, onde os alunos são encarados como atletas e não como pessoas.

O que se faz necessário, então, é discutir o papel a ser desempenhado pelo professor de Educação Física como educador, o que poderá se constituir em subsídio para os cursos de nível superior que tratam dessa área do conhecimento humano. É importante que se produzam às necessárias modificações da orientação nos currículos dos cursos de Educação Física. É preciso que se trate de alguns problemas relacionados à atuação do professor, de modo a poder promover-se a possibilidade de reversão da tendência essencialmente comportamentalista e dominadora, subjacente à ação do professor de Educação Física. Grande parte desta crise repousa na dinâmica de relação homem-mundo, que se reflete na ausência de condições emocionais para o exercício do magistério. Tal aspecto, juntamente com as técnicas, as didáticas, e conhecimentos teóricos e práticos da área de atuação, é

essencial ao bom desempenho do profissional de educação¹⁶.

Sabe-se que todo o ser humano tem necessidade de encontrar satisfação em sua atividade. Para que isso aconteça, é necessário que o professor aja como educador, não técnico, e veja a aula de Educação Física como um processo de educação, não um treino. O professor de Educação Física tem o privilégio de lidar com o movimento, inerente a qualquer pessoa viva, bastaria favorecer as condições para que o aluno dispusesse de espaço para reagir às situações que lhe fossem apresentadas. Seu campo de observação estaria aberto à possibilidade de enxergar além das aparências. É também tarefa do educador provocar nos alunos desequilíbrios ou necessidades psicológicas que levem ao desenvolvimento de uma personalidade integrada, à busca do equilíbrio, do auto-conhecimento, da descoberta de suas limitações e possibilidades de superá-las. O papel do professor de educação física assume uma importância muito grande na construção de um novo saber esportivo, mais humanista e crítico, que realmente contribua para um modelo de sociedade democrática, mais justa e solidária e que efetivamente proporcione ao aluno o exercício pleno da cidadania¹⁵.

Segundo Josué¹⁶, a criança gosta naturalmente da atividade física. É só deixá-la livre, com espaço e será usado o corpo que dará forma às suas necessidades. Será no brinquedo, brincando, que se mostrará por dentro, pelo avesso. Brincar é tão sério para a criança como o trabalho é para o adulto. É pouco provável que hajam crianças que não gostem de atividades físicas e jogos. Mas não é raro encontrar alunos que não gostem de Educação Física. Também é bom lembrar aqui, sobre o baixo conceito que recebe em nossos dias o professor de Educação Física, porém isto deve servir como um alerta de que algo não está bem. É inadmissível que aquele aluno que nos primeiros anos escolares tinha a aula de Educação Física como uma de suas preferidas, quando chega ao segundo grau usa de todos os artifícios possíveis para se livrar do compromisso que passou a representar a mesma. Ele prefere pagar para ter sua atividade física em academias e clubes particulares. A razão não estaria na forma do que nos conteúdos de Educação Física? A extensão do brinquedo estaria no esporte. Não o esporte-espetáculo, mas no esporte-prazer. No esporte praticado como meio e não fim da educação. Na prática pela satisfação e não pelo temor de reprovação.

Se atualmente a preocupação central e primeira da Educação Física escolar é com a formação integral da personalidade do aluno, de modo a levá-lo a ser o melhor que ele puder ser, consciente de sua realidade, autônomo e capaz de auto-sugestão, então, a atenção de seus professores deveria estar mais voltada para os processos de aprendizagem e desenvolvimento de sua personalidade do que para os produtos comportamentais específicos, provenientes de desempenhos físicos. É claro que não é o processo educativo enquanto conjunto de técnicas, metodologias e sistemas reprodutores de resultados que deve ser encarado como prioritário. Mas, especialmente, o processo de crescimento de uma criança em formação, exposta às agressões do meio em que vive, principalmente na escola. A Educação Física tem de respeitar os níveis de maturidade motora, a capacidade de rendimento e os interesses individuais de cada criança. Caso contrário, não passará de um adestramento físico.

Desempenhos físicos, técnicos e táticos são importantes como resultados das atividades físicas e devem ser passados aos alunos pois constituem-se como fato de incentivo pelo êxito ou pelo desafio diante de um eventual fracasso. Mas em que tais julgamentos podem contribuir para a compreensão das contradições, medos, recusas, inseguranças, certezas e outras necessidades fundamentais, como afeto, que todo ser humano, não importa a idade, carrega ao longo de sua vida?

Conclusão

Com bases nas reflexões acima e em experiência prática com uma turma da 5ª série, do sexo feminino do Ensino Fundamental, no período de 1 ano, encontramos na Metodologia Funcional Integrativa (MFI), uma alternativa para tentarmos resgatar a identidade da Educação Física no Ensino Fundamental. Essa metodologia está fundamentada basicamente:

- No conceito recreativo de educação do gesto desportivo que propõe o ensino dos desportos através de séries metodológicas de jogos.

- Na análise de interação nos jogos desportivos⁹ propõe o método recreativo do jogo, onde há a elaboração de formas básicas de jogos, que desde o início deve oferecer uma introdução ao jogo final. Nesta análise o autor ressalta que para ocorrer à aprendizagem social, não podemos simplesmente impor aos alunos um jogo ou desporto previamente normatizado e regulamentado, mas sim, que essa regulamentação deve ser o produto de interações, discussões, reflexões, com a criação de papéis representativos pelos próprios alunos.

- Na ação pouco manipulativa do professor, ou seja, num nível mínimo de diretividade consoante, por tanto, nesse aspecto, com a concepção humanística de educação³.

- Na ideia de que a aula de Educação Física no ensino dos desportos deve ser principalmente, um campo de ação e vivência social, e uma atividade geradora de motivação para a prática de atividades físico-desportivas¹.

Assim, a Metodologia Funcional Integrativa, está voltada para a aprendizagem social, usando sempre o espírito do jogo. A MFI enfatiza nos alunos a sua participação em aula, seus contatos sociais, suas participações em resoluções de problemas e expressões de ideias, onde o professor é um estimulador, nomeando atividades e incentivando a participação dos alunos para a modificação de regras, colocação de ideias, condução de reflexões e discussões a respeito da atividade em andamento, tendo sempre como foco a aprendizagem do esporte que está sendo utilizado. Em sua análise da interação nos jogos desportivos⁹, coloca que, para ocorrer aprendizagem social, não podemos, simplesmente, impor aos alunos um jogo ou um desporto previamente normatizado e regulamentado. Mas o importante é utilizar esses momentos para oferecer condições de interações, de discussões e de reflexões, a partir de, e para a sua própria realidade. Assim a abertura proporcionada ao aluno no planejamento, na organização e na regulamentação dos jogos identifica uma concepção de ensino aberto¹². Nesses momentos de reflexões, procura-se a participação de todos, independentemente das características individuais, levando a uma formação desportiva específica do esporte em questão, tornando sua prática mais consciente, crítica e criativa²¹.

Aprendizagem Social¹⁴⁵ é o mesmo que socialização, isto significa que, onde, num contexto social, direta ou indiretamente, consciente ou inconscientemente ocorrer ensino aprendizagem, ocorrerá também aprendizado social. O resultado seria a socialização individual do Homem, até que esta exceda o âmbito da educação escolar, como também os processos de aprendizado não planejados, causais, não objetivados dentro e fora da escola. Socialização, no sentido de uma interação de teoria de representação, se define como um processo, através do qual o indivíduo ou grupos de indivíduos, baseados em condições individuais ou sociais, desenvolvem a capacidade de interagir em situações estruturadas. O homem é um ser social¹⁰. Para se chegar a isto, no entanto, deve-se levar em conta o tempo de maturação biológica, as coordenações espaço-temporais, a formação da imagem corporal, o desenvolvimento do pensamento, dos sentimentos, da autonomia.

Quando se utiliza, do rigor metodológico na iniciação e prática do esporte na escola, não estamos contribuindo para o desenvolvimento cognitivo, afetivo e psicomotor eficaz de nossos alunos. Muita aceleração corre o risco de romper o equilíbrio (a hereditariedade e maturação interna; experiência física a ação dos objetos; a transmissão social, o fator educativo: equilíbrio e compensação). O ideal da educação não é aprender ao máximo, maximizando os resultados, mas é antes de tudo aprender a se desenvolver e continuar este desenvolvimento depois da escola. É importante dar a criança liberdade de escolha e decisão, pois na medida que um indivíduo pode escolher e decidir, ele tem possibilidade de cooperar voluntariamente com os outros e construir seu próprio sistema moral de convicções¹⁸. Por outro lado, à medida que ela não se permite escolher e decidir, ela estará apta somente a seguir a vontade dos outros.

O jogo além de ser importante no desenvolvimento intelectual é importantíssimo para o desenvolvimento moral e social. Através da cooperação com o grupo, a criança passa a compreender gradualmente o verdadeiro sentido da regra. Começa a coordenar seu jogo com o dos outros

participantes e a fiscalizar o uso das regras por eles. Chega finalmente a compreender que a regra é relativa às decisões do grupo social e as situações a enfrentar. Ela existe para permitir o funcionamento harmonioso do grupo e pode ser modificada se há acordo geral¹⁸.

O jogo é um procedimento didático físico, social, intelectual, e portanto, amplamente formativo, indispensável para promover a aprendizagem, disciplinar o trabalho da criança e do adolescente e inculcar-lhes comportamentos básicos, necessários a formação de sua personalidade. Isto porque a criança, em idade escolar, já superou o egocentrismo da infância. Isto quer dizer que ela é capaz de diferenciar a sua perspectiva da do outro, ela é capaz de perceber também que existem regras sociais e que estas são produzidas pelos homens, portanto são mutáveis, ou seja, a criança começa a perceber que os conceitos são provisórios⁴.

A criança que pratica esporte respeita as normas e se socializa². O esporte educa porque ensina a criança a conviver com a derrota e a vitória, ensina a respeitar as regras do jogo (mesmo na MFI, as crianças devem respeitar a opinião de seus colegas e acatar a decisão da maioria do grupo), ensina a vencer (no jogo e na vida) através do seu esforço pessoal (às vezes tem que momentaneamente aliar-se a outro ou a outros para atingir este objetivo, processo que os pedagogos chamam de cooperação ou companheirismo), ensina a competir (e isto prepara para a vida).

Acredita-se que, utilizando a MFI, ou outra Metodologia semelhante, além da tentativa de resgatarmos a identidade da Educação Física no Ensino Fundamental através da aprendizagem social e significativa, estaremos contribuindo para a realização do homem como ser humano complexo, integral e social. Dessa forma proporcionaremos a nossas crianças todo prazer pela prática da Educação Física e criaremos condições as pessoas para praticarem esportes de forma autônoma e consciente em sua vida adulta, contribuindo assim para o crescimento do aluno como pessoa. Pois respeitar a produção das fantasias, dos desejos, das crenças, dos mitos, símbolos e com eles também a racionalidade, o lugar socialmente incorporado pelos alunos, significa a possibilidade do educador construir pontes de aproximação que possibilitará a emergência de um espaço cada vez mais fecundo para a realização da ação pedagógica¹⁹.

E mais, que através da utilização da MFI em aulas de Educação Física estaremos respeitando o nível de maturidade motora, as capacidades e interesses individuais, promovendo o desenvolvimento da criatividade em nossos alunos e não apenas a imitação mecânica dos gestos motores, contribuindo assim para que o homem seja criador de si mesmo e de uma sociedade melhor e mais humana. Pois, só através dessa prática consciente é que a sociedade entenderá que, se escutarem e respeitarem os professores de Educação Física, como fazem com os médicos, em troca estarão ganhando saúde e qualidade de vida.

Referências bibliográficas

- ¹ BRACHT, V. **A Educação Física escolar como campo de vivência social e de atitudes favoráveis à prática do desporto**. Santa Maria-RS. Dissertação de Mestrado, não publicado, UFSM, 1983.
- ² _____. A criança que pratica esportes respeita as regras do jogo capitalista. **Revista Brasileira de Ciência do Esporte**, v. 7, n. 2, p.62-68, 1986.
- ³ _____. Educação Física: a busca da autonomia pedagógica. **Revista da Educação Física da Universidade Estadual de Maringá**, v. 1, n. 0, 1989.
- ⁴ _____. **Educação Física e aprendizagem social**. Porto Alegre: Magister, 1992.
- ⁵ _____. **Sociologia Crítica do Esporte: uma introdução**: UFES. Centro de Educação Física e Desportos. Vitória, 1997.
- ⁶ BORGES, C. M. F. A Educação Física na vida das crianças: significados. **Revista da Educação Física/UEM**, Maringá. V.3 –n.1, p.62-66, 1992.

- ⁷ CANFIELD, J. T. A Ciência do Movimento Humano como Área de Concentração de um programa de pós-graduação. *Revista Brasileira de Ciência do Esporte*. Maringá, v. 14, n. 03, p. 146-148, 1993.
- ⁸ COLETIVO DE AUTORES. *Metodologia do Ensino de Educação Física*. São Paulo; Cortez, 1992.
- ⁹ DIETRICH, K.; DÜRRWÄCHTER, G. & SCHALLER, H. J. *Os Grandes Jogos. Metodologia e Prática. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1984.*
- ¹⁰ FREIRE, J. B. *Educação de Corpo Inteiro*. São Paulo: Scipione, 1989.
- ¹¹ GHIRALDELLI Jr, P. *Educação Física Progressista: a pedagogia crítico-social dos conteúdos e a Educação Física Brasileira*. 2 ed. São Paulo: Loyola, 1989.
- ¹² HILDEBRANDT, R. & LAGING, R. *Concepções abertas no ensino da Educação Física*. Rio de Janeiro: Ao livro Técnico, 1986.
- ¹³ LOVISOLO, H. Mas afinal, o que é Educação Física? A favor da mediação e contra os radicalismos. Especial: Temas Polêmicos XVIII. *Movimento*. UFRGS, Ano II, nº 2, 1995.
- ¹⁴ MEDINA, J. P. *A Educação Física cuida do corpo... e "Mente"*. 7ª ed., Campinas: Papiros, 1987.
- ¹⁵ MOLINA NETO, V. *A prática do Esporte nas escolas de 1º e 2º graus*. Porto Alegre: editora da Universidade. UFRGS, 1996.
- ¹⁶ OLIVEIRA, V. M. *Fundamentos pedagógicos/ Educação Física*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico S.A., 1987.
- ¹⁷ _____. *O que é Educação Física*. 8ª ed., São Paulo: Brasiliense, 1990.
- ¹⁸ PIAGET, J. *Seis estudos de Psicologia*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1964.
- ¹⁹ REDONTAR, J.M. Algumas reflexões sobre o jogo como prática pedagógica. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. 21 (2/3). p. 118-119 jan/maio 2000.
- ²⁰ SOUZA Jr. M. Educação Física rumo ao Novo Conhecimento. Uma experiência com discentes da 4ª série. *Revista Corporis*. 2/ artigo 5. Universidade Estadual de Pernambuco. www.upe.br, 2000
- ²¹ TEIXEIRA, D. O desporto com experiência de vivência social: uma experiência no handebol. *Revista da Educação Física da UEM, Maringá*, v. 12, n. 2, p. 81-88, 2001.

Reflections about scholar physical education

Abstract

This work has the propose a reflection about the pedagogic practice at Scholar Physical Education, alerting the Professionals to the search of educational alternatives that permit to contribute for the integral development of your students.

Key Words: Scholar Physical Education, integral development

Reflexiones acerca de la educación física escolar

Resumen

Este trabajo tem como objectivo uma reflexión acerca de la práctica pedagógica em la Educación Física escolar, alertando os profissionais para la busca de alternativas educacionais que permitam contribuir para o desenvuelto integral de su alumnos.

Palabras Clave: educación física escolar, desenvuelto integral

Normas para encaminhamento de artigos

- 1) A Revista Kinesis publica artigos voltados à Educação Física e áreas correlatas;
- 2) Os artigos devem ser inéditos, cabendo à Revista a exclusividade de sua publicação. Devem atender aos seguintes quesitos:
 - a) Adequação à linha editorial da Revista, que prioriza publicações plurais; direcionadas à divulgação da produção do conhecimento no País e no Exterior; publicações que dão sustentação e vão à produção científica do Programa de Pós-Graduação em Ciência do Movimento Humano do CEFD/UFSM e voltadas à divulgação do CEFD como área de referência na Educação Física;
 - b) qualidade científica atestada pela Comissão Editorial e pelo Conselho Consultivo;
 - c) Cumprimento destas normas.
- 3) Após aceitos, os artigos podem sofrer mudanças não substanciais (reparagrafações, correções gramaticais e adequações estilísticas) na etapa de editoração do texto;
- 4) Cada autor de artigo recebe 1 (um) exemplar da Revista. No caso de ser assinado por mais de um, são encaminhados 2 (dois) exemplares para o primeiro autor, que deve estar identificado nos originais enviados, com endereço completo para correspondência.
- 5) O texto deve ser enviado digitado no programa PAGE MAKER (preferencialmente) ou MICROSOFT WORD, observadas as especificidades;

Título (minúsculo exceto primeira letra, fonte Times New Roman/negrito, tamanho 16, centralizado). Abaixo à esquerda nome(s) do(s) autor(es), a iniciar pelo sobrenome em maiúsculo, fonte Times New Roman, tamanho 12). Em nota de rodapé, titulação, instituição e cargo atual do(s) autor(es), por extenso, seguido de endereço completo do primeiro autor (fonte Times New Roman, tamanho, 8, entrelinhado 1);

Resumo (minúsculo, exceto primeira letra, fonte Times New Roman/negrito, tamanho 12, alinhado à esquerda). O texto deve ser redigido com objetivo, metodologia, resultados e conclusões, não exceder 250 palavras, sem parágrafo, utilizar entrelinhado 1, fonte Times New Roman, tamanho 10;

Palavras-chaves (minúsculo, exceto primeira letra, fonte Times New Roman/negrito, tamanho 12, alinhado à esquerda), após o resumo. Indicar três (3) palavras após o resumo, fonte Times New Roman, tamanho 10;

Além do resumo em português, os originais devem ser encaminhados com Title, abstract e keywords em inglês e Título, resumen e palabras-claves em espanhol. Devem ser redigidos ao final do artigo após as referências bibliográficas, segundo normas em português;

O artigo deve estar organizado em INTRODUÇÃO (apresentação, objetivos, metodologia...), DESENVOLVIMENTO (apresentação, análise e discussão dos dados), CONCLUSÃO e REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS, sem numeração, em maiúsculo, fonte Times New Roman/negrito, tamanho 16, alinhado à esquerda. A estrutura pode receber subdivisões, igualmente não remuneradas, redigidas em minúsculo (exceto primeira letra), fonte Times New Roman/negrito, tamanho 12, alinhado à esquerda.

Os originais devem ser encaminhados ao Conselho Editorial em duas cópias impressas em folha A4, páginas numeradas, fonte Times New Roman, tamanho 12, entrelinhado 1 com margens de 2,5. No formato final, o texto deve ter entre 15 e 25 páginas. Os artigos podem ser redigidos em português ou espanhol;

Além das duas cópias impressas, as ilustrações (figuras, tabelas, fotografias) devem ser fornecidas em arquivos originais com o texto em programa PAGE MAKER (preferencialmente) ou MICROSOFT WORD, com figuras em separado, com resolução mínima de 300 dpi no tamanho original, numeradas com algarismos arábicos na ordem em que forem sendo inseridas no artigo. Somente serão aceitas ilustrações editadas em preto e branco ou tons de cinza, em .TIF. Os originais das ilustrações devem ser encaminhados em disquete e impressos em laser sobre papel de qualidade, em tamanho que suporte redução legível. As legendas das ilustrações devem ser enviadas em lista à parte. Os títulos para gráficos e tabelas devem ser redigidos em minúsculo, exceto primeira letra, acima dos mesmos: Tabela 1 (ou Gráfico 1) – Revista Kinesis Edição Especial; e os títulos para figuras, abaixo: Figura 1 – Revista Kinesis Edição Especial.

Notas explicativas devem ser redigidas em nota de rodapé, remetidas por números sobrescritos no corpo do texto em fonte Time New Roman tamanho 8, entrelinhado 1.

Citações literais ou específicas de um trecho da obra que tiver menos que três linhas, deve aparecer entre aspas dentro do parágrafo. Ao final do trecho citar a referência bibliográfica com número sobrescrito. **Exemplo:** A didática especial aparece como prática docente específica de determinado conteúdo de ensino, e sua necessidade, que “se afirma, já que cada matéria e cada nível escolar apresentam as suas peculiaridades próprias e seus problemas concretos”¹. (A referência bibliográfica deve ser redigida somente no final do texto em Referências Bibliográficas).

Citações literais ou específicas de um trecho da obra que tiver mais que três linhas, deve aparecer com recuo à esquerda de três centímetros, em corpo 10, destacado em parágrafo isolado, não aparecer entre aspas nem em itálico. Ao final do trecho deve aparecer, em negrito, o sobrenome do autor, em minúsculo, o ano e a página entre parênteses. **Exemplo:**

Ter como objetivo uma prática significa estar trabalhando as mediações entre proposições oriundas de diferentes conhecimentos científicos que intervêm sobre a citação concreta que se estuda. Ao mesmo tempo, a partir dessa interação como o faz, novas questões são colocadas, novos conhecimentos e novas organizações de antigos conhecimentos se tornam necessários (Pernambuco, 1994, p. 92).

6) Cada artigo deve ter entre 10 e 30 referências bibliográficas, no máximo. Todas as referências enumeradas devem ser citadas no texto. As citações no corpo do texto devem ser feitas por números sobrescritos de autores. A lista de referências (disposta em ordem de citação no texto e não em ordem alfabética) deve ser digitada em folha separada, fornecendo informações bibliográficas completas sobre a fonte. Utilizar somente **negrito** para indicar título da obra e/ou periódico. **Exemplo:** Das várias modalidades sensoriais, a visão e a propriocepção talvez sejam as duas mais importantes na área da Aprendizagem Motora². Pouco é conhecido sobre como a criança gerencia ou regula sua própria aprendizagem de destrezas na ausência de um agente externo³. A literatura sobre a aprendizagem da natação, representada por alguns autores^{4,5,6}, não explicitam o uso de retroalimentação proprioceptiva enquanto metodologia de ensino.

7) Após avaliação do Conselho Editorial, os originais serão enviados para dois Consultores, pelo sistema duplo cego (não são informadas aos autores, a identidade dos consultores; aos consultores não é informada a identidade dos autores). As correções ou eventuais adaptações exigidas para publicação serão encaminhadas aos autores pelo Núcleo de Divulgação Científica (NDC). Serão considerados os textos que retornarem no prazo de um mês ao NDC, a partir da data de postagem de envio, observadas, novamente, todas as normas de encaminhamento;

8) Os artigos originais devem ser encaminhados à Comissão Editorial com termo de cessão de direitos autorais à Revista Kinesis. Os originais não aceitos para publicação ficarão à disposição dos autores até seis meses após recebido o parecer;

Referências Bibliográficas

- ¹ BOULUS, S. A prática docente. In: WELTER, J. **Nome da obra**. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- ² JORDAN, T.C. Characteristics of visual and proprioceptive response times in the learning of a motor skill. **Quarterly Journal of Experimental Psychology**, 1977.
- ³ BOUFFARD, M; DUNN, J.G.H. Childrens Self Regulated Learning of Movement Sequences. **Research Quarterly for Exercise and Sport**, 1993.
- ⁴ SARMENTO, P. et al. **Aprendizagem motora e natação**. Lisboa: Gráfica 2000, 1981.
- ⁵ COUNSILMAN, J. E. **A natação ciência e técnica para a preparação de campeões**. Rio de Janeiro: Lial, 1984.
- ⁶ MACHADO, D.C. **Metodologia da natação**. São Paulo: EPU, 1984.

Outras referências redigir da seguinte forma:

Periódicos e Anais

- MARQUES, L.P. O filho sonhado e o filho real. **Revista Brasileira de Educação Especial**. Piracicaba, v.2, nº 3, p. 30-40, 1995.

Dissertações e teses

- HATJE, M. **O jornalismo esportivo impresso do RS de 1945 a 1995: a história contada por alguns de seus protagonistas**. Dissertação. Centro de Educação Física e Desportos: Universidade Federal de Santa Maria . Santa Maria - RS, 1996.

Meio eletrônico ou internet

Artigo em jornal científico

- KELLY, R. Eletronic publishing at APS: it not just online journalism. **APS New Online**. Los Angeles, nov. 1996. Disponível em: [http:// www.aps.org/apsnews/1996/11965.html](http://www.aps.org/apsnews/1996/11965.html) – Acesso em 25 de novembro de 1998.

Trabalho em congresso

- SILVA, R.N.; OLIVEIRA, R. Os limites pedagógicos do paradigma da qualidade total na educação. In: **Anais eletrônicos do Congresso de Iniciação Científica da UFPe**. Recife: UFPe, 1996. Disponível em: <http://www.propeq.ufpe.br/anais/educ/ce04.html> - Acesso em 21 de janeiro de 1997.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS
NÚCLEO DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA
PROPOSTA DE ASSINATURA E/OU RENOVAÇÃO



KINESIS

REVISTA VOLTADA À CIÊNCIA DO MOVIMENTO HUMANO

Data: ____/____/____.

Categoria de Sócio:

() Estudante () Pesquisador () Profissional () Institucional

Solicitação de Assinatura:

() Nova

() Renovação Último nº recebido: _____

() Permuta Revista a ser recebida pelo CEFD: _____

Nome: _____

Endereço: _____

Bairro: _____ Cidade: _____

UF: _____

CEP: _____ Telefone: () _____ Fax: () _____

Endereço Eletrônico: _____

Assinatura anual referente a dois números: R\$ 30,00

ENVIAR PARA: Universidade Federal de Santa Maria. Centro de Educação Física e Desportos. Núcleo de Divulgação Científica. Campus Universitário – CEP: 97.105-900

Tel.: (0XX) 55-220 8884

Fax: (0XX) 55-220 8016 ou (0XX) 55-220 8590

E-mail: kinesis@cefd.ufsm.br

Home Page: <http://www.ufsm.br/cefd>

DEPÓSITOS: Associação Desportiva da Universidade Federal de Santa Maria/RS – ADUFSM – Agência: 1366, Operação: 03, Conta Corrente: 91-2, Caixa Econômica Federal – Campus Universitário.

RECIBOS: Serão emitidos pela ADUFSM após recebimento de comprovante de depósito.

IMPRESSÃO:
GRÁFICA EDITORA
Pallotti
IMAGEM DE SUSTENTABILIDADE
Santa Maria - RS - Fone/Fax: (51) 222.3050
www.pallotti.com.br
Com tintas fornecidas.